

O fim do carvão está à vista? (1)

Julian Kettle (2)

Com os resultados e implicações da COP26 marcados nas manchetes, vale destacar um dos grandes paradoxos em torno da narrativa da descarbonização. Como meus colegas descreveram de forma muito eloquente em seu [briefing pré-COP26](#), existem alguns segredos sujos que precisam ser compartilhados em torno do carvão. A verdade incômoda é que, embora o carvão seja um convidado indesejável na mesa de descarbonização, ainda precisaremos da energia movida a carvão para garantir uma transição ordeira para um mundo de baixo carbono.

O carvão está firmemente na mira da COP26

O carvão, em todas as suas formas, está sempre no topo da agenda de descarbonização. Mas vale a pena fazer uma distinção entre os diferentes tipos.

A maior parte do carvão é queimada para produzir eletricidade - carvão térmico. Porém, um volume não desprezível é utilizado como redutor na produção de ferro a partir do minério de ferro, sendo esse tipo conhecido como carvão metalúrgico. Embora os dois se cruzem no lado da oferta e da demanda (às vezes são produzidos na mesma mina e, nas margens, o carvão metalúrgico pode ser usado em usinas de energia), existem dois mercados distintos.

Para muitos, é claro, "carvão é carvão" e, até certo ponto, isso é verdade, pelo menos quando observamos o impacto nas emissões de CO₂. Nesse contexto, um dos quatro objetivos principais da COP26 - "acelerar a eliminação do carvão" - é certamente válido.

A declaração da COP26 é clara em sua intenção, mas curta em detalhes

O carvão recebeu muita atenção na COP26. Mais significativamente, as partes interessadas de 52 nações, cinco subnacionais e 26 outras organizações (principalmente concessionárias de serviços públicos) publicaram uma Declaração de Transição do Carvão Global para Energia Limpa. Em resumo, os signatários se comprometeram a:

1. Aumento rápido da geração de energia limpa e medidas de eficiência energética em suas economias e apoio para outros países que realizam o mesmo.
2. Aumento rápido de tecnologias e políticas para alcançar uma transição da geração de energia a carvão inabalável na década de 2030 (ou o mais rápido possível depois) para as principais economias e na década de 2040 (ou o mais rápido possível depois disso) globalmente.
3. Cessar a emissão de novas licenças para novos projetos de geração de energia a carvão não diminuídos (definidos como projetos que ainda não atingiram o fechamento financeiro), acabar com a nova construção de projetos de geração de energia a carvão não diminuídos e acabar com o novo apoio governamental direto para o carvão internacional não diminuído geração de energia disparada
4. Fortalecer os esforços nacionais e internacionais para fornecer uma estrutura robusta de apoio financeiro, técnico e social aos trabalhadores, setores e comunidades afetados para fazer uma transição justa e inclusiva longe da energia do carvão inabalável de uma forma que os beneficie e expanda o acesso à energia limpa para tudo.

Esses compromissos parecem impressionantes, no entanto, o que falta atualmente é o detalhamento de como eles serão alcançados. Além do mais, isso poderia ser considerado uma espécie de vitória de Pirro contra o carvão, principalmente porque nenhum dos países com as três maiores frotas de energia movida a carvão - China, Índia e os EUA - são signatários do acordo.

Compromissos de grandes jogadores continuam sendo um trabalho em andamento

Isso não quer dizer que cada um desses gigantes do carvão não tenha se comprometido.

A China, que possui a maior capacidade de usina termelétrica a carvão, se comprometeu com o pico de emissões de carbono, mas não se comprometeu firmemente a reduzir a dependência do carvão.

Enquanto isso, no plano do presidente dos EUA Joe Biden para uma rede de carbono zero até 2035, pode-se dizer que adota o espírito do texto da COP26. No entanto, o diabo está nos detalhes e não há desafios políticos desprezíveis; não menos importante é a possibilidade de uma reversão significativa na política, caso a próxima eleição presidencial seja vencida pelos republicanos.

A Índia atrasou sua promessa de descarbonização, mas se comprometeu com a neutralidade da rede até 2070. Mais urgentemente, ela se comprometeu a reduzir suas emissões de carbono projetadas em um bilhão de toneladas até 2030. Além disso, a Índia se comprometeu com 50% das energias renováveis na geração de energia e reduzir a intensidade carbônica de sua economia em 45% até a mesma data. É uma tarefa difícil para uma economia com projeção de crescimento de 6 a 7% ao ano na próxima década.

No entanto, independentemente dessas metas, conforme descrevemos em nosso briefing pré-COP26 'Carvão: o segredo sujo da COP26', a verdade inconveniente é que, em nosso caso-base, a demanda por carvão térmico continuará a aumentar até meados da década de 2020. Felizmente, há oferta mais do que suficiente para atender a esse requisito.

Por que nem todo carvão é criado igual

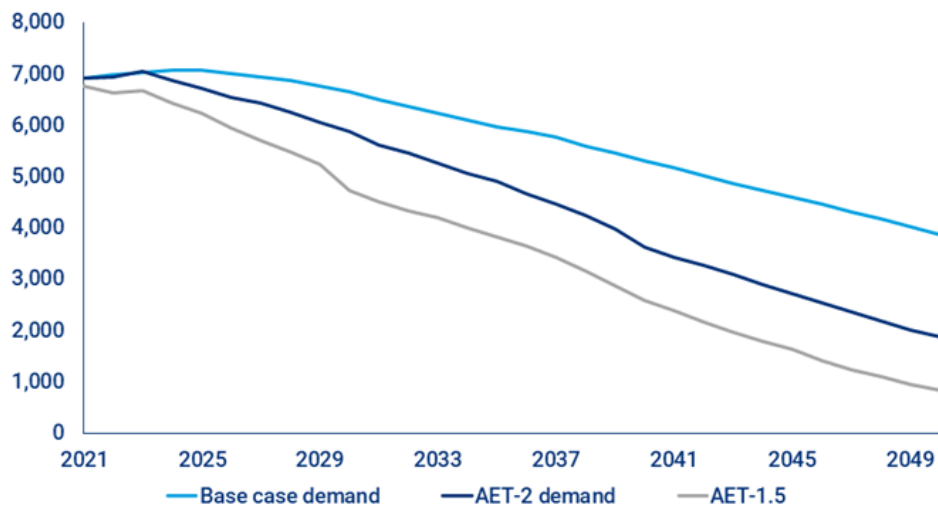
Claro, não se trata apenas do volume de carvão necessário, mas também da qualidade do carvão que estará em demanda e onde será necessário. Parafraseando George Orwell em *Animal Farm*, "todos os tipos de carvão são criados iguais, mas alguns são mais iguais do que outros."

Cada vez mais, a qualidade do carvão será um diferencial, com o carvão de alta classificação sendo favorecido em relação ao carvão de baixa classificação. Depois, há a questão da localização do carvão. O mercado transoceânico de carvão térmico deverá ser deficitário no futuro, certamente de acordo com nosso cenário base.

Como os compromissos da COP26 impactarão a demanda de carvão?

Embora o compromisso de "reduzir gradualmente" o carvão seja um tanto nebuloso, vale a pena delinear o que diferentes caminhos de temperatura significariam para a demanda de carvão térmico. Sob nosso cenário base Energy Transition Outlook (ETO), que está alinhado a um cenário TO de aquecimento de 2,7 ° C, a demanda por carvão térmico atingirá o pico em 2025 em pouco mais de 7 bilhões de toneladas, caindo apenas 5% para 6,7 bilhões de toneladas em 2030, dificilmente uma transformação! No entanto, para atingir nosso caminho AET-2, 2 ° C, a demanda por carvão térmico precisará cair um bilhão de toneladas até 2030 e uma via AET-1.5 removerá mais 1,9 bilhão de toneladas de demanda. Esta é uma redução dramática de 2,4 bilhões de toneladas em comparação com o atual pico do cenário base em 2025. Com a COP26 renovando as aspirações de se alinhar com os compromissos de Paris de limitar o aumento médio da temperatura global a 1,5 ° C, a escala do desafio de uma redução tão dramática do carvão a demanda não deve ser subestimada, dadas as implicações para o fornecimento de eletricidade em um mundo cada vez mais eletrificado.

Global thermal coal demand (Mt)



Source: Wood Mackenzie

A questão principal é: as políticas ainda a serem promulgadas com base em compromissos diluídos feitos na COP26 serão suficientes para entregar um caminho de descarbonização AET-2 ou AET-1.5? Se o não cumprimento dos compromissos assumidos na COP Paris em 2015 é uma indicação, o sucesso até 2030 parece ser um tiro no escuro e de forma alguma garantido. Parafraseando Mark Twain, que ao ouvir rumores de que ele de fato havia morrido, foi citado como tendo dito “os relatos de minha morte são muito exagerados”. Acho que o mesmo pode ser dito do carvão!

- (1) Artigo publicado no Wood Mackenzie. Disponível em: <https://www.woodmac.com/news/opinion/is-the-end-of-coal-in-sight/>. Acesso em 18 de novembro de 2021.
- (2) *Julian Kettle é vice-presidente de Metais e Mineração.*